

RESENHA

MARIA NO DESÍGNIO DE DEUS E A COMUNHÃO DOS SANTOS Na história e na Escritura – controvérsia e conversão

GRUPO DE DOMBES.
Aparecida: Santuário, 2010.

Pe. Rodolfo Gasparini Morbiolo*
Mestrando em teologia dogmática/eclesiologia na PUC-SP

O diálogo ecumênico na Igreja Católica tem sido feito de verdadeiras aventuras teológicas. É assim que lemos o trabalho promovido pelo grupo de teólogos católicos e protestantes, reunidos no entorno da Abadia de Dombes, na França: um trabalho audacioso e ousado, de elevada envergadura teológica, que apresenta a fé das Igrejas na figura de Maria, enquanto discute obscuridades conceituais que dificultam o diálogo ecumênico. A conclusão óbvia não é de fácil assimilação para qualquer uma das partes envolvidas, pois implica diálogo e conversão, não sem muita polêmica.

O livro apresenta-se em duas partes. A primeira terá como tema uma leitura ecumênica da história e da Escritura, enquanto a segunda trabalhará as questões mariológicas controversas no diálogo ecumênico entre as Igrejas e, em quais pontos se é possível falar de conversão das denominações envolvidas.

Uma advertência inicial, a modo de prefácio, ressalta que as partes foram compostas e publicadas originalmente em dois volumes independentes, reunidos nesta presente edição. Os co-presidentes do Grupo de Dombes, Alain Blancy e Maurice Jourjon, justificaram a produção bipartite devido à novidade do tema no debate teológico ecumênico, bem como nos diálogos interconfessionais mundiais da atualidade; não obstante, na altura desta publicação em língua portuguesa o tema e esta sua abordagem ecumênica já tenham sido analisados no Simpósio Mariológico Internacional promovido em 2007, na cidade de Roma.

A primeira parte subdivide-se, ainda, em dois capítulos específicos. O primeiro lança um olhar sobre o lugar de Maria na história da Igreja, e as lições aprendidas tanto em ambiente católico, como no protestante. É, de fato, uma reflexão sobre as projeções teológicas da figura de Maria no imaginário eclesial multifacetado da história. O segundo capítulo reflete mais profundamente a elaboração dogmática a partir da Escritura. Apoiado nos artigos da profissão de fé do Símbolo dos Apóstolos e do Niceno-Constantinopolitano, recupera-se da Escritura o lugar criatural de Maria, como mulher e filha de Israel, enfatiza-se sua maternidade de Jesus, o Cristo, Senhor e Filho de Deus, na aurora da salvação, e desenvolve-se o lugar compartilhado e distintivo de Maria junto à comunidade dos santos.

Na segunda parte, entre controvérsias e propostas de conversão para as Igrejas – um capítulo para cada tema – assoma a questão da cooperação de Maria, definida nos termos da autorização que a graça comunica; isto é, o que Maria pode como mérito da sua maternidade é correspondente ao dom concedido à comunidade dos santos, da qual ela faz parte antecipatoriamente como membro iminente. Assim, a cooperação de Maria é lida como resposta responsável à oferta divina da salvação; fundamentalmente, a resposta é dada à acolhida de Jesus Cristo no mistério da sua encarnação, da qual Maria também participa a seu modo com o seu ‘sim’.

Atenuada a questão doutrinária da cooperação de Maria no plano divino da salvação, o debate não se dá por encerrado no cenário dos dogmas marianos, onde a melhor saída corresponde ao respeito mútuo às opiniões das partes. É o que sucede, por exemplo, com a questão da consagração de Maria, figurada no dogma da virgindade perpétua – a Escritura testemunha que a adesão de Maria ao plano divino não se restringe apenas ao evento encarnatório, mas expande-se, na cruz, à comunidade dos discípulos de Jesus, como uma disposição persistente do coração que implica sua vida e vocação; contudo, infelizmente, esta proposição não resolve o dilema doutrinário entre as Igrejas sobre a possibilidade da existência histórica dos ‘irmãos’ de Jesus. Outro aspecto importante corresponde à devoção mariana por parte da piedade dos fiéis. A invocação de Maria no culto católico ofende a sua evocação e consideração nos ambientes protestantes, obscurecendo aquilo que ela sinaliza para ambas as confissões: ser sinal da solidariedade dos santos na comunhão divina.

O último capítulo assinala que em ambos os ambientes católico e protestante, seriam produtivas duas espécies de conversão: uma de atitude, outra doutrinária. A primeira deveria voltar-se para o incentivo e manutenção do diálogo integrador das diferenças, não necessariamente eliminador das mesmas. A conversão doutrinária, porém, do lado católico exigiria um retorno aos artigos fundamentais da fé concebendo as afirmações dogmático-mariológicas posteriores como conseqüências de uma elaboração da sua consciência de fé. Do lado protestante, uma releitura das Escrituras, somada às orientações dos pais do protestantismo histórico, no que se refere à Maria, poderia colaborar para uma interpretação menos preconceituosa do seu lugar no plano divino da salvação.

Em suma, temos a impressão que o caráter não oficial deste grupo de trabalho ecumênico tem por galardão favorecer o diálogo entre as Igrejas, pois não aponta decisões dogmáticas, mas proposições de trabalho, que minimamente podem colaborar na reflexão de ambas as partes.

Uma síntese apropriada está refletida no subtítulo do livro resenhado: em vista da unidade, e para compartilharmos as experiências religiosas que temos no que diz respeito à nossa resposta afirmativa ao plano divino, a qual como Igrejas somos convidados a oferecer livremente a Deus, faz-se oportuno referir-se à Maria, ao mesmo tempo, como testemunha e manifestação do desígnio salvador de Deus para toda a humanidade, como do seu convite à fraternidade universal na comunhão eclesial. Longe de resolver todos os problemas entre as confissões cristãs, de obstáculo ao ecumenismo cristão, a reflexão mariológica pode colaborar e muito para a integração das Igrejas: esta parece ser a maior vitória do texto apresentado e dos mais de quarenta teólogos – padres e pastores – envolvidos na sua elaboração.

Notas

* Sacerdote da Arquidiocese de Sorocaba/SP, mestrando em teologia dogmática/eclesiologia na PUC-SP, Campus Ipiranga. Leciona teologia no Instituto “João Paulo II”, em Sorocaba/SP.